

A revolução (in)visível das mulheres na Ciência

Apesar de toda contribuição delas nesse meio, a história insiste em colocá-las como coadjuvantes

GIOVANA GUERRA e JULIANA GÁLICO

Albert Einstein, Charles Darwin, Isaac Newton, Nikola Tesla. Quando falamos em figuras famosas na ciência são esses os nomes que costumam vir à mente, uma vez que eles estão presentes nos livros didáticos e são ouvidos com frequência nas aulas de física, química e biologia. Uma coisa em comum entre eles: são todos homens. Mas e as mulheres, por que quase não as encontramos nesse meio?

Uma das respostas para essa pergunta está em seu ingresso nas universidades, no século XIX. Foi em 1837, nos Estados Unidos, uma entrada tardia se comparada a dos homens, que aconteceu no ano de 1150, na Itália. As desvantagens dos quase 700 anos que foram impedidas de estudar ainda podem ser percebidas nos dias de hoje: as mulheres são minoria na área científica.

Os desafios enfrentados pelas mulheres para serem aceitas nas universidades foram muitos e ainda persistem dentro das salas

de aula. A falta de representatividade feminina é como um ciclo que continua a desestimulá-las na hora de se interessar pela Ciência. Em média, apenas 5% das garotas cogitam uma carreira nas áreas conhecidas como STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). O Programa Internacional de Avaliação de Alunos mostrou que, desde muito cedo, as meninas duvidam da própria capacidade nesses campos.

Uma pesquisa realizada pela Cadeira Regional Unesco Mulher, Ciência e Tecnologia na América Latina apontou para outro fator que dificulta a carreira das mulheres no mundo acadêmico: os estereótipos de gênero. A pesquisa foi realizada no âmbito escolar. Em São Paulo, apesar de 80% dos professores não notarem diferenças nas salas de aulas, quando perguntado, um em cada três educadores afirma que existe diferença entre os gêneros. Segundo eles, os meninos se destacam em matemática e informática, reforçando a fal-

sa ideia de que as mulheres são inferiores intelectualmente.

Falta de reconhecimento

Nos 117 anos de história do Prêmio Nobel, as mulheres foram premiadas em apenas 18 ocasiões, contra 581 em que o trabalho de homens foram reconhecidos. Elas receberam apenas 3% dos prêmios Nobel de Ciência. Por categorias, os números ficam ainda mais alarmantes. Em Física, mais de 99% dos ganhadores são homens; em Química, somente 4 mulheres receberam o prêmio, contra 174 homens; em medicina, cerca de 94% dos prêmios foram destinados à figuras masculinas. Mas não é por falta de candidata, muitas mulheres figuram entre as apostas do prêmio todos os anos.

O problema é que a mulher é deixada de lado. Em entrevista à equipe do Extra, a pesquisadora Denise Fungaro, ganhadora de sete prêmios por sua pesquisa sobre a transformação dos resíduos de carvão gera-

dos por termelétricas, fala sobre o apagamento de mulheres cientistas brilhantes ao longo da história. “Mulheres que fizeram descobertas que mudaram os rumos da sociedade e do mundo não foram reconhecidas por seus pares homens cientistas, pela academia e nem tão pouco tiveram as suas pesquisas premiadas”, pontua.

A falta de políticas públicas voltadas ao incentivo da mulher na ciência também é um grande problema. Bolsas de estudo ou mesmo prêmios são formas de mudar esse cenário. Para Fungaro, a internet surge como uma forma de encorajar meninas que sonham com a profissão: “Sentindo em seu ser essa vocação, independente das barreiras que o meio familiar ou social lhe apresentar, poderá acessar sites onde encontrará inspiração, orientação e encorajamento para desenvolver seu processo de educação e atingir o objetivo de se tornar uma Cientista de reconhecido valor.”

OITO DESTAQUES QUE MUDARAM O RUMO DA SOCIEDADE

+1200 A.C.



Tapputi - Belatekallim: considerada a primeira química da história. Era perfumista real na Babilônia.

+415



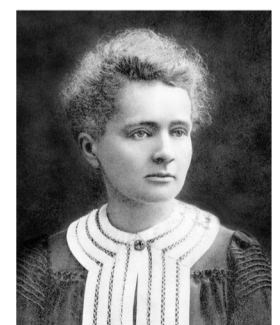
Hipácia de Alexandria: primeira mulher documentada como sendo matemática. Foi chefe da escola platônica lecionando Filosofia e Astronomia.

+1097



Trotula de Salerno: pioneira da ginecologia e obstetria. Criou tratados que orientaram médicos por 400 anos.

★1867 +1934



Marie Curie: primeira mulher a conquistar o prêmio Nobel, e primeira pessoa a consegui-lo duas vezes (nas categorias Física e Química)

Pesquisadoras em desvantagem: por quê?

A cientista precisa sempre provar sua competência, como se seu sexo fosse uma inferioridade

ELDER JOHN E JOÃO PEDRO VOLTARELLI

Nota-se muito atualmente que o papel da mulher em certas áreas, como na ciência, é pouco reconhecido ainda, ou quase ausente muitas vezes. Os dados são claros: o número de moças que escolhe as ciências, em especial nas áreas de Exatas e Tecnológicas, é bem menor que o dos rapazes. No ano 2000, somente 20% do graduandos de Física no Brasil eram mulheres.

Isso não ocorre apenas no Brasil, pois a mesma taxa nos Estados Unidos, Reino Unido, Japão e Suécia, não chega a 15%. E existem várias razões para isso, sendo a histórica a primeira delas. Apenas na segunda metade do século XX que mudanças começaram a ocorrer, em especial pela militância do movimento feminista dos anos 50 e 60. Marie Currie, por exemplo, só conseguiu um emprego depois que seu marido morreu. Ela gostava de levar suas alunas para conhecer os laboratórios, além de preparar aulas voltadas para o ensino do sexo feminino.

A paulista Ligia Moreiras

Sena, fundadora do site “Cientista Que Virou Mãe”, nos conta que suas aspirações profissionais incluíam uma graduação no ITA, porém, na época, o instituto não aceitava mulheres. “Eu não enxergava isso como vejo hoje, uma consequência do machismo estrutural e do patriarcado da sociedade, então foi um impacto muitograndeparamimnaépoca.”

Contudo, o Brasil se tornou uma referência mundial quanto aos artigos científicos escritos por mulheres segundo o estudo feito pela Gender in the Global Research Landscape (gênero no cenário global de pesquisa, em tradução livre), levando em conta os artigos escritos entre 1995 e 2015. Elas escrevem 50% dos artigos, retratando uma igualdade de gênero na produção acadêmica. Outro fator importante do estudo, é que a porcentagem de inventoras brasileiras também é maior do que a média mundial: o Brasil tem 17% e o E.U.A, por exemplo, tem 14%. O que chamou atenção no sentido negativo, foi que as mulheres também são minoria

nas citações de outros artigos. Os cargos sêniores de academia refletem essa diferença: homens dominam 87% das posições.

Quando, além de gênero, também é envolvida a raça, as cientistas negras têm dificuldades ainda maiores de subir na carreira, em especial nas áreas de Exatas. Cientistas negras afirmaram ser constantemente confundidas com assistentes de laboratórios, segurança ou faxineiras por colegas e estudantes. Dados do Center for WorkLife Law, da Universidade da Califórnia, mostram que 48% das negras e 46,9% das latinas sofreram algum tipo de discriminação no trabalho. A reestruturação da carreira docente poderia evitar que estereótipos fossem reforçados. As estruturas das instituições acadêmicas e científicas são dominadas, em geral, por homens, o que reforça o estereótipo de que o homem é o único apto a assumir tais cargos e posições, deixando a figura feminina de lado mais uma vez.

Representatividade

Influenciados por filmes, séries e quadrinhos, a mulher cientista está no imaginário das pessoas com um look de CDF, de óculos, roupas desleixadas, largadas e fora de moda. Muito desse estereótipo se dá pela relação feita entre a preocupação com o visual sinalizar uma falta de dedicação à ciência. Um exemplo é Amy Farrah Fowler, neurobiologista personagem da série The Big Bang Theory, interpretada pela atriz Mayim Bialik, se encaixa nos padrões criados para a mulher cientista. A artista também é uma PhD em Neurociência, mas não vive essa realidade no cotidiano.



Mayim Bialik vive Amy Farrah nas telinhas (Foto: reprodução)

★1905 +1999



Nise da Silveira: médica brasileira conhecida por humanizar o tratamento psiquiátrico no país.

★1914 +2000



Hedy Lamarr: atriz e inventora. Cocriadora da tecnologia na qual se baseia o Wi-Fi moderno.

★1918 +1999



Gertrude Elion:desenvolveu drogas para o tratamento de Leucemia e Gota, iniciando a quimioterapia. Ganhou Nobel de medicina em 1988.

★1977 +2017



Maryam Mirzakhani: única mulher a ganhar a medalha Fields, considerada o Nobel da matemática, por seus trabalhos em topologia e geometria